

## CONSTÂNCIAS DE MERCÚRIO: a caricatura e as representações do comércio

FRANCISCO DAS NEVES ALVES<sup>\*</sup>

### RESUMO

Estudo das representações das atividades mercantis através da figura mitológica de Mercúrio nas páginas da folha caricata *Revista Ilustrada*, ao longo da década final da monarquia brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** caricatura, comércio, Mercúrio, *Revista Ilustrada*

### ABSTRACT

This study is aimed at discussing the representations of commercial activities through the mythological figure of Mercury found in the caricatured pages of *Revista Ilustrada* during the final decade of the Brazilian monarchy.

**KEYWORDS:** caricature; commerce; Mercury; *Revista Ilustrada*.

A caricatura desempenhou um papel essencial na edificação de um imaginário social nas comunidades humanas em que foi praticada ao longo do século XIX. Associado à imprensa, o desenho caricato ganharia o mundo, com inexorável poder de difusão e extraordinária força de persuasão junto à opinião pública. Em meio a uma prática jornalística de predomínio incontestável do texto escrito, com colunas e colunas, páginas e páginas de escritos na maioria das vezes densos, as folhas voltadas essencialmente à caricatura ofereceriam um outro gênero ao público leitor, mais leve, mas, ao mesmo tempo, incisivo e direto, e com um dispositivo de formidável apelo – o uso da imagem. Praticando um jornalismo crítico-opinativo, os caricatos ganhariam o gosto não só dos seus respectivos leitores, mas extrapolavam a leitura em si, uma vez que geravam verdadeira rede discursiva por meio da constante repetição e comentários acerca daquilo que apresentavam em suas folhas impressas.

O jornalismo humorístico por meio da caricatura espalhou-se pelo mundo, sendo praticado em vários países e, por vezes, mantendo muitas características em comum. Gerou-se um verdadeiro modelo de periódico

---

<sup>\*</sup> Professor da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorado junto ao ICES – Portugal.

caricato, normalmente semanário e dividindo igualmente suas páginas entre desenhos e texto. Na maior parte não publicava matéria publicitária e tinha algum tipo de dificuldade em manter o número de assinantes, garantindo sua existência na maior parte pela venda de números avulsos. Ao mesmo tempo em que despertavam amplo interesse da opinião pública, granjeavam significativo número de inimigos, mormente aqueles que eram alvos do olhar irônico e jocoso da publicação, muitas vezes representantes do poder instituído, o que, não raro, trazia algum tipo de perseguição, traduzida por fiscalização e policiamento dos responsáveis pelo periódico, ou até chegando à culminância da violência e do empastelamento. Ainda assim, a visão bem-humorada e caricatural da vida em sociedade não deixou de se manifestar em cada um dos hebdomadários que circularam na conjuntura mundial.

No contexto do periodismo brasileiro, o fenômeno não seria outro, de modo que, mormente na capital imperial/federal e nas mais importantes cidades de cada uma das províncias/estados, o jornalismo caricato desenvolveu-se em grande escala, com maior ênfase ao longo da segunda metade do século XIX e, de forma ainda mais significativa, nas últimas décadas de tal centúria. Uma das mais destacadas representantes dessa imprensa caricata foi a *Revista Ilustrada*, que circulou no Rio de Janeiro a partir de 1876, sob a orientação de Angelo Agostini, artista italiano que se radicaria no Brasil, um dos maiores expoentes da caricatura brasileira. À época monárquica, a *Revista* constituiu-se numa das mais ferrenhas críticas ao *status quo* governamental, sustentando uma construção discursiva fortemente calcada nos ideais abolicionistas e republicanos. Com o característico norte editorial calcado no humor, o hebdomadário carioca (que chegou a também ser quinzenal ou mensal ao longo de sua vida) se transformaria numa das mais importantes folhas de seu gênero no Império. Além da própria circulação e da leitura, os textos e principalmente as imagens impressas em suas páginas foram reproduzidos em larga escala por folhas caricatas de diversas partes do país, numa difusão extraordinária de suas convicções e formas de reproduzir a realidade.

Desse modo, Angelo Agostini, por meio das diversas publicações em que trabalhou ou dirigiu, com destaque para a *Revista Ilustrada*, se transformaria em verdadeiro referencial para a caricatura nacional, e seu estilo seria copiado ou influenciaria um sem-número de praticantes do jornalismo caricato ao longo do território brasileiro. Em algumas das edições nas quais demarcava seu aniversário de surgimento, a *Revista* revelaria a permanência de seus intentos e de suas linhas editoriais. A folha autocaracterizava-se como portadora de uma jovialidade elegante e praticante do belo humor, respirando sempre o sentimento da justiça e

o respeito à verdade, além de considerar-se como uma mantenedora da mais completa independência<sup>1</sup>. Pretendia a edição caricata continuar sem receio a sua obra, seguindo sempre o mesmo programa, inspirado no amor à pátria e fortificado pela mais intensa aspiração à liberdade. Manifestava sua indignação diante das misérias coetâneas, desejando um futuro melhor, no qual a justiça viesse a ser a lei<sup>2</sup>.

Segundo o periódico, se não fizera o seu público rir a bandeiras despregadas, vinha, contudo, desanuviando muitas frentes, descarregando muito sobreceño implacável e dando origem a que o homem se manifestasse pelo seu característico mais incontestável – o riso. Afirmava que tal missão não era fácil, pois as coisas caminhavam de um modo que, em vez de sorrir, todos sentiam, intimamente, o desejo de imigrar, diante do que era contra esse desalento, essa tristeza, essa descrença invencível que tinha a *Revista* levantado a mais insuperável barreira, extraindo dos fatos desanimadores a nota humorística que desarmava o desespero e deixava ver, sob as armaduras dos déspotas, os ridículos de um retrozeiro avesso à tragédia. Explicava a folha que tinha sempre procurado não sacrificar a justiça ao espírito, não confundir o patriotismo com as patacoadas, não cessar de combater os arbítrios, nem ter condescendências com as tentativas de opressão<sup>3</sup>. No sentido de vencer as amolações da imprensa, o semanário jurava, grato a todos, dar-lhes muitos alegres<sup>4</sup>.

O processo de difusão da caricatura no Brasil<sup>5</sup> encontraria assim na *Revista Ilustrada* um de seus mais notáveis representantes. Foi marcante a forma pela qual as folhas caricatas criaram determinados conjuntos de construções discursivas e representações imagéticas que revelavam suas práticas editoriais e contribuíam para um melhor entendimento do público leitor. Nesse sentido, por vezes nem mesmo a legenda era necessária para que se entendesse o desenho, uma vez que as realidades retratadas, os personagens caricaturados e a simbologia utilizada estavam a contento com o poder de interpretação dos leitores que conseguiam identificar-se com as mensagens passadas

---

<sup>1</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 7 jan. 1882. p. 2.

<sup>2</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 10 jan. 1885. p. 2.

<sup>3</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 16 jan. 1886. p. 2.

<sup>4</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 7 jan. 1888. p. 2.

<sup>5</sup> Acerca do desenvolvimento da imprensa caricata no Brasil, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, t. 80, p. 583-609, 1917; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963; LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jéca Tatú*. São Paulo: Brasiliense, 1946; TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.

por essas publicações. A imagem tonava-se assim um mecanismo discursivo que criava praticamente uma conexão direta entre o construtor do discurso e o seu receptor, num quadro em que desenho e texto interagiam na edificação da mensagem jornalística.

De acordo com essa perspectiva, a mitologia seria utilizada intensamente pela caricatura, num contexto em que deuses, semideuses, musas, heróis e tantos outros personagens mitológicos povoariam as páginas das folhas caricatas. Não eram só as figuras mitológicas, mas também suas ações, indumentárias, hábitos e atribuições que eram ressaltadas pela caricatura, revelando a perspectiva pela qual cada um desses elementos tinha significância para o público leitor que conseguia identificar a intenção simbólica expressa pela folha. Nesse quadro, o universal passava a ter pontos de intersecção com o nacional, o regional ou o local, e o não-contemporâneo encontrava significado no contemporâneo, ou seja, os homens e mulheres do século XIX que se deparavam com o simbolismo mitológico estampado na caricatura, conseguiam ter a devida compreensão de seu sentido. A utilização de variadas figuras do panteão mitológico do mundo clássico não escaparia à pena de Angelo Agostini na *Revista Ilustrada* e, dentre esses personagens, um dos mais utilizados, mormente na representação das atividades comerciais, foi o deus Mercúrio, aqui estudado em seu simbolismo ao longo de parte da circulação dessa publicação durante a década final da monarquia brasileira.

No panteão romano, uma das divindades de significativo destaque foi Mercúrio, filho de Júpiter e de Maia. Seu nome em grego, Hermes, significa intérprete ou mensageiro; já na versão latina, sua denominação advém da palavra *merces*, ou seja, mercadoria. Mercúrio era o mensageiro dos deuses, de Júpiter em particular; servia com denodo em suas funções, chegando, até mesmo, a práticas não muito honestas na execução de seu papel. Tinha ainda por encargos resolver as disputas e as paixões entre os habitantes do Olimpo, presidir jogos e assembléias, ouvir e responder aos discursos, além de conduzir com seu caduceu as almas ao inferno ou reconduzi-las à Terra. Divindade da eloquência e da arte de bem falar, assim como dos viajantes, dos comerciantes e dos ladrões, era o embaixador dos deuses, assistindo aos tratados de aliança, numa atividade infatigável que o tornava um dos mais atarefados entre deuses e homens.

Diante de tantas atribuições, Mercúrio assumia um papel considerável no conjunto das divindades greco-romanas, tendo suas habilidades e qualidades constantemente aumentadas, contribuindo para o progresso das atividades mercantis e das artes, bem como atribuía-se a ele a edificação de uma língua exata e regular, das

primeiras letras e da harmonia das frases, pondo nome a um grande número de coisas, além de instituir práticas religiosas, fortalecer as relações sociais e familiares, e ensinar aos homens a luta, a dança e os exercícios praticados nos estádios, inventando, finalmente, a lira. Identificado por uma figura com uma bolsa, capacete e sandálias alados, os quais significam a força de elevação e a aptidão para os deslocamentos rápidos e com o caduceu, vareta em torno da qual se enrolam, em sentido inverso, duas serpentes, equilibrando os dois aspectos – esquerda e direita, diurno e noturno –, com um símbolo benéfico e outro maléfico, representando o antagonismo e o equilíbrio típicos da divindade, Mercúrio constitui-se em uma força limitada a um nível um tanto utilitário e facilmente corruptível [Figura 1].



Figura 1

A presença de Mercúrio não se limitou ao meio greco-romano e, ao longo do tempo, sua figura seria assimilada, transformada e metabolizada junto a diversas civilizações. A tradição clássica viria a marcar o mundo ocidental contemporâneo e esta influência se faria sentir nos mais variados espaços das sociedades, fosse o público ou o privado, o individual ou o coletivo, o simbólico ou o concreto. Nesse sentido, as divindades gregas e romanas viriam à tona junto ao imaginário de várias sociedades e, nesse quadro, a figura de Mercúrio

se cristalizaria definitivamente como o símbolo das atividades mercantis. Fosse a própria imagem da divindade, ou, particularmente, o caduceu e/ou o capacete passaram a trazer em si o significado do comércio<sup>6</sup>.

Mercúrio especificamente e a mitologia greco-romana em geral caracterizam-se por uma longa sobrevivência junto à mentalidade coletiva das comunidades do mundo ocidental. Assim, permanecer vivo não significa apenas que a mensagem veiculada pelas narrativas continua a ser entendida, com todas as suas implicações e em todos os níveis. Quer também dizer que o campo da mitologia está sempre constituindo o lugar onde as crenças podem se explicar e se perpetuam, expressando-se no modo e na forma de narrativas elaboradas. Nessa perspectiva, a mitologia constitui o assunto de um debate que ultrapassa, aparece atravessada por polêmicas que não usam, como os filósofos, as armas da discussão argumentada, da refutação, mas operam por uma organização diferente dos materiais da fábula<sup>7</sup>.

A tradição histórica já traduz em si as motivações que levaram à edificação de vários mitos como elementos e atributos comuns à vida social; dentre esses, os personagens da mitologia da Antigüidade Clássica ganharam relevo especial. Nessa linha, o mito se constitui num meio de atuar sobre o presente, convertendo-se num potente fator motivador da existência dos que o interiorizam à medida que passaram a compreender-lhe o verdadeiro significado. Uma figura mítica é a maneira mais econômica de invocar uma imagem que, a não ser assim, demandaria o emprego de longa expressão, permanecendo, desse modo, desde resíduos mentais ou fragmentos simbólicos até expressões e imagens concretas nas formas de agir e pensar, num quadro onde os mitos antigos ainda manifestam a sua presença no mundo mental do homem moderno<sup>8</sup>.

Assim, desde o cotidiano, à literatura, à tradição ou ao conhecimento erudito, entre outros, todos poderiam trazer à tona esses

---

<sup>6</sup> Descrição de Mercúrio elaborada a partir de: COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983. p. 56-59; CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 160 e 487-488; CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 379. A respeito de Mercúrio ainda pode-se lembrar que ele é o deus que conduz a noiva para a casa do noivo, para que atravesse a porta e a entrada do quarto nupcial; mensageiro, assopra aos recém-casados as palavras amorosas, as palavras de sedução; e, além disso, inventor do fogo pela fricção de dois pedaços de madeira, Hermes é muito ativo no comércio sexual, favorecido pela coabitação da mulher e do homem, no mesmo lar (SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. *Os deuses gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 275.).

<sup>7</sup> VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mito & política*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002. p. 232.

<sup>8</sup> PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 14-17.

mitos antigos. No Brasil do século XIX e a sua formação histórica ligada à agroexportação e à recepção de produtos estrangeiros através de seus portos, as atividades mercantis foram fundamentais para a própria consolidação do Estado Nacional. Nesse quadro, a relevância do comércio transformaria a figura de Mercúrio (e/ou alguns de seus objetos ou peças de sua indumentária) num personagem recorrente no contexto da sociedade brasileira, servindo de inspiração ou materializando-se concretamente em fachadas de prédios, selos, papéis timbrados, desenhos de matéria publicitária e em diversas outras manifestações pictóricas e artísticas em geral. As influências psicossociais e históricas dos mitos, e de Mercúrio em particular, seriam intercomplementadas pela ação da leitura, pois, ainda que não atingisse o conjunto da população, através da oralidade, a informação dela advinda se difundiria, num processo de propagação cultural. Desse modo, a imprensa contribuiria decisivamente na difusão de uma imagem das lides mercantis através de Mercúrio, com destaque para os jornais caricatos, cujas páginas constituiriam cenários de várias ações da divindade.

Durante o século XIX, circulava pelo país e fazia parte do acervo de determinados centros de leitura, mormente na capital do Império, uma variada gama de literatura acerca da mitologia greco-romana. Eram livros em diversas línguas, normalmente de procedência européia, que, ao seu modo, complementavam o processo de incorporação de alguns daqueles mitos, entre eles Mercúrio. Em termos exemplificativos, em língua portuguesa, *Mercurius* era apresentado como o “Deos da eloquencia, do Commercio e dos Ladrões, e o mensageiro dos Deoses, principalmente de Jupiter, o qual lhe havia pegado asas na cabeça, e nos calcanhares, para com mais presteza executar as suas ordens”<sup>9</sup>. Já em inglês, o deus era descrito como “a Roman divinity of commerce and gain. The character of the god is clear from his name, which is connected with merx and mercari. The Romans of later times identified Mercurius, the patron of merchants and tradespeople, with the Greek Hermes, and transferred all the attributes and myths of the latter to the former”<sup>10</sup>. Em língua francesa, aparecia *Mercur*, o “Hermès des Grecs, avait une foule d’attributions: il était le dieu de l’éloquence, du commerce et des voleurs, le héraut des dieux et le conducteur des âmes aux

---

<sup>9</sup> *Diccionario classico histórico geographico-mythologico*. Lisboa: Officina de Joaquim Rodrigues D’Andrade, 1816.

<sup>10</sup> SMITH, William. *A classical dictionary of biography, mythology, and geography*. London: John Murray, 1864. p. 437.

enfens”<sup>11</sup>, ou ainda, “Mercure psychagogue porte le caducée et les talonnières; dieu de l’éloquence, il leve le bras droit; du commerce, il tient une bourse”<sup>12</sup>.

Nesse quadro, perpassando os séculos, Mercúrio viria a aparecer como um personagem/símbolo ativo e presente junto à comunidade brasileira, agindo e interagindo com esta, uma vez que o mito não constitui uma mera herança ou apenas uma sobrevivência do passado, mas resulta de um vivo e real dinamismo psicossocial, que opera na psique do homem moderno em grau tão intenso quanto aquele em que operou em gerações do passado remoto. Dessa forma, o acontecimento mítico, em contraste com a ocorrência histórica factual, é parte não só do presente, mas também do passado, pois influi na vida contemporânea não somente através de uma cadeia de conseqüências históricas, como os fatos históricos, senão também direta e imediatamente, através da força que originalmente o provocou, e continua a operar com efeito não diminuído, desafiando o tempo e o espaço<sup>13</sup>. Nas páginas das folhas caricatas, tal divindade encontrou espaço garantido na propagação e perpetuação de seu mito<sup>14</sup>, como foi o caso da *Revista Illustrada*.

Na passagem do ano de 1878 para o seguinte, como era típico dos jornais caricatos de então, a *Revista* publicava desenho alusivo à mudança do calendário. A chegada do penúltimo ano da década de setenta era representada pela folha através do “ano velho” que partia num trem e conversava com um jovem que simbolizava o “ano novo”. Na gravura apareciam em estado deplorável as representações das artes, da indústria, da lavoura e do comércio, este na figura de um Mercúrio quase suplicante de mãos estendidas. Tais personagens encontravam-se diante do portão e dos muros da “política”, adornado com as bandeiras dos partidos que disputavam o poder e no interior da qual se encontravam os políticos que discutiam freneticamente. Num dos muros, o bobo da corte, o mais típico representante do periodismo caricato, pintava a frase: “Nesta casa, o que se precisa é de algumas

---

<sup>11</sup> GRÉGOIRE, Louis. *Dictionnaire encyclopedique d’histoire, de biographie de mythologie et de géographie*. Paris: Garnier Frères, Libraires-Editeurs, 1876. p. 1336.

<sup>12</sup> JACOBI, E. *Dictionnaire mythologique universel ou biographie mythique*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie., 1878. p. 313.

<sup>13</sup> PATAI, 1974. p. 16 e 71.

<sup>14</sup> Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Mercúrio em apuros: algumas imagens do comércio rio-grandino*. In: ALVES, F. N. (org.). *Indústria e comércio na cidade do Rio Grande: estudos históricos*. p. 47-55; ALVES, Francisco das Neves. O mito de Mercúrio: articulações entre o universal e o regional. In: PRADO, D. P. (org.). *Anais do Seminário Internacional de Estudos Históricos – História Geral e do Brasil*. Rio Grande: FURG, 2004. p. 69-87.

camisolas de força e muitas duchas”. A cena era completada pelo índio, criação do próprio Angelo Agostini para designar o povo brasileiro, que, pitando cachimbo, assistia a tudo, entre estupefato e incrédulo, mas deitado, em verdadeira inação. Como legenda, servia o diálogo: “O ano novo – Estas infelizes criaturas serão as tais vítimas da seca do Norte?”; ao que aparecia como resposta: “O ano velho – Não, estas são as vítimas da seca do progresso e vítimas da política. Durante 365 dias tenho as visto definhar, e se tu não trazes algum remédio, é provável que o teu sucessor as verá expirar”<sup>15</sup>. Na concepção da folha, a ação dos homens públicos estaria levando a uma profunda crise, que destruía as atividades produtivas, diante da passividade da população em geral [Figura 2].

---

<sup>15</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 4 jan. 1879. p. 4-5.



A penetração do capitalismo internacional e as relações de domínio econômico seculares em relação ao Brasil, herança ainda da época colonial, também apareciam nas representações de Mercúrio criadas pela *Revista Illustrada*. Numa delas, o deus mitológico aparecia, com sua indumentária completa, sorridente, apreciando um dos produtos que abarrotava a alfândega oriunda da indústria estrangeira, simbolizada por uma dama, vestida luxuosamente, que abria a tampa de um caixote e expunha a variedade de ofertas, ao passo que lançava um certo olhar de desdém para uma outra dama, trajada com maior simplicidade, representando a indústria nacional, que, braços cruzados à porta de seu estabelecimento, não via saída para a sua produção. A legenda era sutil e direta: “Atual posição das duas indústrias”<sup>16</sup>. Tal desenho trazia à tona uma histórica e tradicional característica das atividades mercantis brasileiras, em que os comerciantes e o próprio mercado consumidor preferiam os produtos vindos do exterior à produção nacional, menoscabada diante da melhor qualidade e, mormente, as vantagens alfandegárias oferecidas à produção internacional [Figura 3].

---

<sup>16</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 4 set. 1880. p. 4-5.



Figura 3

Uma das especialidades da *Revista* era a publicação de conjuntos de caricaturas, razoavelmente próximo daquilo que, bem mais tarde, viria a ser categorizado como uma “história em quadrinhos”. Em tais conjuntos Mercúrio também era um personagem presente, como no caso de um em que a folha tecia pesadas críticas à situação política nacional, fundamentalmente quanto à questão da escravidão. As dificuldades políticas eram associadas pelo jornal às de natureza econômica, tanto que mostrava a divindade enfrentando a crise, sendo abraçada por um indivíduo que representava as atividades agrícolas, e ambos assistiam ao desastre que ameaçava a produção nacional. O desenho era explicado pela frase: “Comércio e lavoura andam muito assustados. Lá se vai tudo pela água abaixo, pensam eles...”<sup>17</sup>. Na mesma edição, em outro conjunto de imagens, o periódico mostrava certa perspectiva esperançosa, mas ao mesmo tempo carregada de ironia. Nela apareciam vários dos homens públicos de então, mãos dadas, fazendo uma aparentemente harmoniosa dança de roda. Faziam parte da roda o bobo da corte, trazendo em si o significado da caricatura e o próprio Mercúrio, denotando a relevância do comércio para as atividades econômicas nacionais. A legenda era: “Um dia chegará em que havemos de estar todos de acordo. Esse dia será aquele em que o bom senso e o verdadeiro patriotismo tiverem feito a sua entrada no nosso parlamento”<sup>18</sup> [Figuras 4 e 5].



Figura 4

<sup>17</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 27 nov. 1880. p. 4.

<sup>18</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 27 nov. 1880. p. 8.



Figura 5

A negligência e a incompetência das autoridades públicas, constantemente imputadas como qualificativos negativos dos políticos por parte do semanário ilustrado carioca, eram mais uma vez associadas à imagem de Mercúrio, como ao mostrar um ministro conduzindo uma pequena embarcação que designaria o próprio Estado Nacional. O administrador aparecia indolentemente repousando deitado sobre sua pasta, enquanto o barco, em cuja vela aparecia a descrição “programa do ministério” e que carregava um cofre, com o significado das verbas públicas, e duas gaiolas cheias de papagaios, representando o Senado e a Câmara dos Deputados, ia em direção à certa destruição numa queda de água. Seguiam o mesmo curso e terrível destino uma série de outros barcos carregando várias figuras que simbolizavam diversos setores da sociedade, entre elas um apavorado Mercúrio. A explicação do desenho ficava expressa na frase: “Deixem pois a canoa do inteligente e paternal governo ir pela água abaixo, arrastando consigo outras tantas, fatais à lavoura, à indústria, ao comércio, às artes, à ciência e à justiça” entre outros<sup>19</sup>. Tratava-se de mais uma das pesadas críticas da folha às forças governativas, demonstrando a inação dos homens públicos e a ascendência do executivo sobre o legislativo, reduzido a um amontoado de papagaios engaiolados, ou seja, perdido na esterilidade dos discursos vazios. Na concepção do periódico, as atitudes dos governantes estariam levando à destruição nacional nos mais variados segmentos da sociedade, inclusive no que tange às atividades mercantis [Figura 6].

<sup>19</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 abr. 1882. p. 4-5.

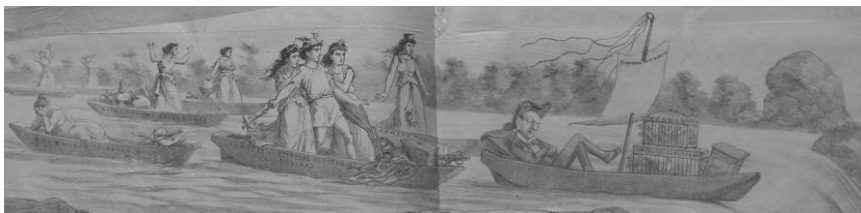


Figura 6

Em dois outros conjuntos de caricaturas publicados em abril de 1882, a figura de Mercúrio seria recorrente nos desenhos da *Revista*. Numa delas, a folha ironizava a situação nacional, sugerindo jocosamente a vinda de uma época de prosperidade, num quadro em que a divindade mitológica, com uma rede à mão, tentava, como se borboletas fossem, apanhar algumas notas, e explicava: “Haverá ainda muito dinheiro que voará de todos os lados, dando assim ocasião ao nosso comércio de atirar-se a uma boa e proveitosa caçada”<sup>20</sup>. No outro conjunto, o hebdomadário dedicava-se à sua ação predileta, quer seja, atacar as ações governamentais. Numa das figuras, Mercúrio e uma dama simbolizando a indústria apareciam curvando-se diante da autoridade pública, sobre o dizer: “Essa asa negra é o todo poderoso inspetor da alfândega, perante o qual se curvam servilmente aqueles que têm o direito”. No quadro seguinte, os símbolos das atividades produtivas revoltavam-se e derrubavam o administrador de sua cadeira do poder, apontando a folha que aquelas figuras tinham de reagir e destroná-lo, se tivessem consciência de sua força. Mas, em contrapartida, Mercúrio e a dama-indústria acabavam tendo de fugir espavoridos dos governantes que empunhavam espada e rebenque nas mãos, aparecendo por legenda: “O nosso paternal governo e o fisco ainda são muito bons em não arrumar a estes algumas bacalhoadas, para ensinar-lhes a não serem tolos”<sup>21</sup> [Figuras 7, 8, 9 e 10].

<sup>20</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 abr. 1882. p. 8.

<sup>21</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 abr. 1882. p. 4-5.



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10

As dificuldades do comércio brasileiro no cenário internacional foram também retratadas pela *Revista Ilustrada*, como ao criticar a ação de buscar estocar o mais importante produto de exportação brasileiro, o café, tendo em vista buscar maior valorização no mercado. Segundo a folha, tal atitude não conseguira êxito e, com graça, destacava que as “montanhas” de café estocado acabariam por desfazer-se, trazendo algumas vítimas. Apareciam duas figuras de Mercúrio, uma adulta e experiente, representando o comércio internacional, e outra, como uma criança chorosa, simbolizando as lides mercantis nacionais, diante do que o “comércio estrangeiro” sentenciava: “Se te limitasses a especular no teu próprio mercado, não estarias hoje tão triste. És muito jovem ainda e não tens forças para lutar comigo. Sirva-te isto de lição”<sup>22</sup>. Em outra caricatura, a indústria, a lavoura e o Mercúrio-comércio, com narizes desproporcionais, faziam alusão às inverdades e informações pouco importantes divulgadas por meio da imprensa, através da legenda: “Nunca vi nada mais chato! Nenhuma só referência ao nosso respeito! No entanto passamos atualmente por uma crise bem feia! O que será de nós!? Pois eles se importam lá com isso! Aqui no fim tem alguma coisa que serve: o casamento. Histórias! Isto é só para inglês ver.”<sup>23</sup> [Figuras 11 e 12].

---

<sup>22</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 27 abr. 1884. p. 5.

<sup>23</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 9 maio 1884. p. 4.



Figura 11



Figura 12

A má condução dos negócios públicos de parte dos governantes vinha expressa nas páginas da *Revista* em mais uma aparição de Mercúrio que fazia companhia a várias figuras, como o próprio imperador e o índio-Brasil. Nesse caso, a autoridade pública pilotava a nau do Estado na forma de uma improvisada jangada que parecia não resistir à navegação<sup>24</sup>. Mercúrio seria representado também com uma indumentária diferente, usando roupas normais de um homem ocidental do século XIX, mas o que distinguia a divindade em suas características era o seu chapéu com asas. Lendo as variações do câmbio o ser mitológico em nova roupagem manifestava preocupação: “O nosso

<sup>24</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 17 maio 1884. p. 4-5.

comércio observa com terror que uma nota de dez tostões, brevemente não valerá mais de que um franco”<sup>25</sup>. Já nos últimos tempos da monarquia, a publicação ilustrada mais uma vez denunciava os desmandos administrativos, mostrando Mercúrio diante de dois homens públicos, numa direta alusão às negociatas. Servia de legenda: “No novo empréstimo não resta a menor dúvida que o sr. João Alfredo passou a perna no sr. Belisário, e que o comércio vê hoje que o ex-ministro da fazenda não era tamanho como parecia em matéria de finanças”<sup>26</sup>. [Figuras 13, 14 e 15].



Figura 13



Figura 14

<sup>25</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 30 nov. 1884. p. 8.

<sup>26</sup> REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, 14 abr. 1888. p. 4-5.

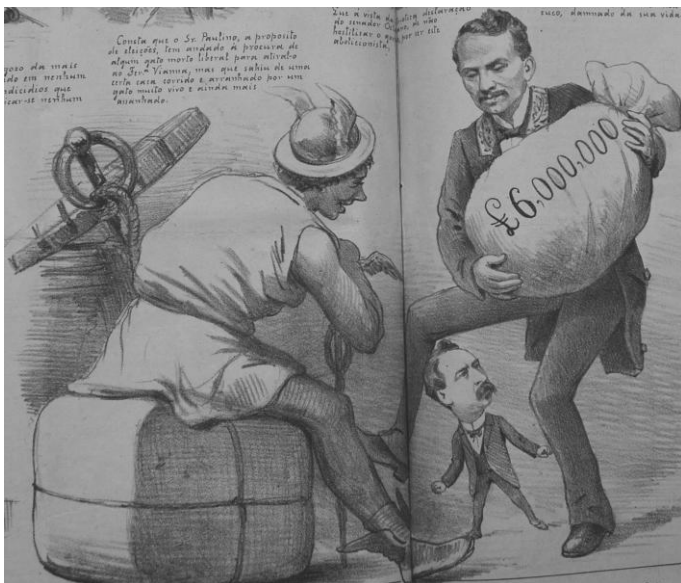


Figura 15

Assim, a figura de Mercúrio serviria muito a contento para que a *Revista Illustrada* expressasse a sua forma de observar os acontecimentos de então. Ao reconstruir caricaturalmente a realidade, edificando simbolismos e representações todas suas, a folha refletia sua visão crítica no que tange à situação nacional, manifestando veementemente suas convicções contrárias à monarquia e às várias instituições que a compunham. Nesse sentido, a mais importante atividade econômica brasileira – o comércio – aparecia normalmente enfrentando a mais diversificada gama de dificuldades, quase sempre provocadas pelos homens públicos da época. Dessa forma, a *Revista* associava a tradicional função moralizadora que os jornais caricatos se autodestinavam, de apontar as mazelas que afligiam a sociedade com as suas perspectivas republicanas de repúdio ao *status quo* governamental, buscando apontar todos os tipos de obstáculos enfrentados pelas atividades mercantis no Império.

A inação de políticos e governantes, a preponderância do capital internacional sobre o nacional, os riscos das crises econômicas, as variações cambiais, a negligência ou corrupção dos homens públicos, o caráter interventor do Estado e a concentração de poderes eram alguns dos diagnósticos feitos pelo hebdomadário em relação aos possíveis males que atingiam o comércio. Nesse quadro, Mercúrio, com sua

indumentária completa ou parcial, ou ainda em trajes contemporâneos, era apresentado enfrentando os mais variados empecilhos e em situações tragicômicas que iam da preocupação ao desespero, da cordialidade à submissão ao governo, do constrangimento à vergonha plena pela situação em que se encontrava, entre tantas outras vivências imputadas à simbólica figura mitológica. A presença de Mercúrio nas páginas da *Revista Ilustrada* bem demonstrava que a simples evocação do personagem mítico ou alguma de suas características despertava a compreensão do público leitor, revelando o sentido que aquele mito, como designação do comércio, ainda fazia para as sociedades do final do século XIX.

